

POLÍTICAS PÚBLICAS E O PROFESSOR LEITOR: ENCONTROS E DESENCONTROS

*PUBLIC POLICIES AND THE TEACHER-READER: ENCOUNTERS
AND DISAGREEMENTS*

Eliane Santana Dias Debus*
Chirley Domingues**

RESUMO: O artigo analisa a Proposta de Formação Continuada apresentada por um município da Grande Florianópolis que, desde 2009, vem desenvolvendo atividades semestrais de formação dos professores de Língua Portuguesa. A escolha por esse município deve-se ao fato de nele estar instalado um dos campi da Universidade do Sul de Santa Catarina onde lecionamos nos cursos de Letras e Pedagogia, cursos estes que, provavelmente, formarão professores que vão atuar nas salas de aula desse município. Nossa pesquisa, pretendeu vislumbrar de que forma as propostas visam à formação do professor leitor e se esses são envolvidos em todas as etapas de desenvolvimento dos trabalhos.

Palavras-chave: Formação continuada; Formação do professor; Leitor.

ABSTRACT: This paper analyzes the Continuing Education Proposal put forward by a municipality in the area of Florianópolis that has been offering biannual activities for Portuguese Language teachers since 2009. The choice of the municipality stems from the fact that there is a campus of Universidade do Sul de Santa Catarina, where we teach for the Languages and Pedagogy majors. These majors are usually responsible for the education of future teachers of this municipality. The study was aimed at examining how the proposal intends to contribute for the education of the teacher-reader and to what extending these teachers are actively involved in every step of the process.

Key-words: Continuing education; Teacher education; Reader.

INTRODUÇÃO

O trabalho aqui apresentado resulta de uma experiência vivenciada por nós enquanto formadoras de formadores de leitores. No decorrer do ano de 2009, desenvolvemos uma pesquisa em um município da Grande Florianópolis, em que se situa uma das unidades da universidade em que lecionamos. Na oportunidade, nossa pesquisa, intitulada a “Leitura literária: uma análise das práticas escolares” tinha por objetivo analisar como a leitura da literatura era trabalhada em algumas escolas públicas

* elianedebus@hotmail.com, Doutora PPGE UFSC – Florianópolis – SC.

** chirley.domingues@yahoo.com, Doutoranda PPGE – UFSC – Palhoça – SC.

daquele município. Nosso intento, porém, não era apenas constatar a hipótese que nos levou ao desenvolvimento do trabalho. Mais do que verificar o porquê da leitura literária ser tão pouco apreciada e praticada pelos alunos do Ensino Fundamental, o que nos era dito pelos alunos de Letras e Pedagogia para os quais lecionávamos e que eram professores do referido município, nosso objetivo era desenvolver oficinas de capacitação docente que possibilitassem aos professores mais conhecimento da literatura infantil e juvenil e, por extensão, que esses professores pudessem desenvolver estratégias de abordagem do texto literário em sala de aula que, efetivamente, aproximassem as crianças, sobretudo das séries finais do Ensino Fundamental, da literatura. Nesse sentido, corroborávamos com a afirmação de Lauzirete Ferragut Passos quando esta, no texto “A formação continuada de professores e os desafios dos projetos de colaboração universidade-escola”, afirma que “O protagonismo do professor precisa ser considerado como fator importante e necessário para pensar mudanças e propostas para a educação” (2006, p. 196).

A pesquisa transcorreu com bastante tranquilidade, com uma ampla receptividade por parte da Secretaria de Educação do Município e o apoio da Direção da Educação Infantil que via na proposta uma possibilidade de aproximação desse trabalho com o Programa de Capacitação Docente que estava sendo elaborado pelo município. Ao final da pesquisa, iniciamos a organização das oficinas e apresentamos à secretaria o cronograma das atividades, com o número de vagas disponíveis para a capacitação que, naquele momento, eram 10. Como era o primeiro trabalho de capacitação docente voltado para a leitura literária e com ênfase na literatura infantil, nos foi solicitado a oferta de um número maior de vagas, já que o município contava com um número bastante expressivo de professores. Decidimos, então, oferecer 20 vagas. Com o apoio dos gestores das escolas, as inscrições tiveram início e, nesse momento, percebemos alguma resistência por parte dos professores, sobretudo porque as oficinas seriam aos sábados, único dia que eles tinham livre, já que todos estavam 40 h/a em sala de aula, e seriam oferecidas na própria universidade. Decidimos, então, oferecer as oficinas durante a semana, no período noturno, e nos pareceu que a proposta tinha uma melhor aceitação. No entanto, por uma questão de estrutura física, mantivemos os trabalhos no campus da universidade. Para a nossa surpresa, porém, dos 20 professores inscritos, apenas 8 participaram da capacitação.

A falta de interesse dos professores gerou certa frustração não apenas nessas pesquisadoras, mas também na equipe da Secretaria da Educação Municipal que tinha em suas mãos o desenvolvimento de um Projeto de Capacitação Docente bastante abrangente e já em vias de ser concretizado.

Após essa experiência, continuamos desenvolvendo pesquisas que tinham como objeto de análise a leitura literária na escola, com ênfase no professor. Para tanto mantínhamos um diálogo constante com a Secretaria de Educação do Município, sendo constantemente convidadas para participar das atividades que tematizavam a leitura

literária e o ambiente escolar. Agora, porém, com certo distanciamento, nos foi possível perceber que a pouca adesão dos professores às oficinas de leitura literária que havíamos desenvolvido deu-se, talvez, pelo pouco envolvimento desses professores no processo de elaboração e execução do trabalho. Diante dessa hipótese, passamos a observar como se daria o desenrolar das ações da nova Proposta de Capacitação Docente, que já estava sendo implantada no município, e são essas observações, aliadas a uma pesquisa que desenvolvemos com alguns professores e bibliotecários do município que apresentamos a seguir. É preciso deixar registrado, porém, que o nosso olhar se volta sobretudo para as ações que envolvem os professores de Língua Portuguesa e/ou ações que vislumbram o trabalho com a leitura, em especial, a literária.

CAPACITAÇÃO DOCENTE: DA ELABORAÇÃO À EXECUÇÃO

A Proposta de Formação Continuada para Professores do Ensino Fundamental do Município acima apresentado foi desenvolvida, em 2009, por uma gerência formada por uma equipe multidisciplinar, da qual faziam parte um professor de Língua Portuguesa, coordenador do projeto, um professor de Geografia e História, um professor de Matemática e um professor de Ciências. A leitura do documento nos permite evidenciar os vários objetivos para o desenvolvimento desse trabalho. Já no texto de abertura da Proposta encontramos como objetivo “oferecer aos professores do Ensino Fundamental a ampliação de suas metodologias didático-pedagógicas por meio da formação continuada que visa à articulação entre teoria e prática”. Ainda no texto inicial, podemos ler que a gerência responsável pelo desenvolvimento dos trabalhos visava, ainda, “mostrar outras formas de trabalhar os conteúdos a estes profissionais” (2009, p. 03). No decorrer do documento, no entanto, vários outros objetivos sobressaem, dos quais enumeramos:

1. Estimular a reflexão e conscientizar os docentes sobre a importância da pesquisa e do estudo contínuo;
2. Considerar os saberes já constituídos dos professores e valorizar os aspectos culturais e sociais locais;
3. Refletir sobre a prática pedagógica através de metodologias voltadas à efetivação da PCPH³ em sala de aula;
4. Trabalhar os conteúdos específicos das disciplinas por meio de sequências didáticas que darão origem ao Caderno Pedagógico da Rede Municipal⁴;
5. Proporcionar aos professores condições de repensar as suas práticas pedagógicas.

³ Sigla da Proposta Curricular do Município de Palhoça, que teve início em 2001 e foi concluída em 2004.

⁴ Questionamos ao Coordenador da Gerência de Capacitação Profissional como se deu a construção desse documento e se este já estava concluído, mas não obtivemos resposta.

Ao que tudo indica, a Proposta em questão buscava trazer a prática dos professores como ponto de partida para reflexões sobre os saberes docentes e as metodologias por eles usadas nas salas de aula.

No ano em que a proposta entra em vigor, os trabalhos foram desenvolvidos entre os meses de março e novembro, totalizando uma certificação de 40h/a, sendo 23 horas em encontros presenciais e 17 horas para a produção e desenvolvimento da metodologia de ensino-aprendizagem.

1. Ao final dessas etapas, a equipe esperava que os professores desenvolvessem as seguintes competências:
2. Conhecer teorias que fundamentam as práticas em sala de aula.
3. Dominar conceitos básicos e as relações entre esses conceitos e a prática pedagógica.
4. Planejar situações de ensino-aprendizagem a partir da realidade cultural e das expectativas dos alunos.
5. Desenvolver aprendizagens significativas.
6. Analisar o desempenho dos alunos, defasagens e dificuldades apresentadas por eles em relação ao processo de ensino-aprendizagem.

Como o foco dos nossos estudos é a leitura literária, nosso interesse no desenvolvimento das atividades da Gerência de Capacitação Profissional dos Professores recai sobre as ações que têm como tema a leitura. Nesse sentido, encontramos duas atividades apresentadas pela referida gerência, quais sejam, oficina: A Hora do Conto e o Projeto Biblioteca Itinerante/contação de histórias.

A primeira atividade nós já conhecíamos por ter participado dela como palestrantes. Durante a Semana da Biblioteca Municipal, fomos convidadas para apresentar uma palestra sobre a função da literatura infantil na escola. Na oportunidade, elaboramos uma oficina que tinha por propósito discutir com os professores os seguintes questionamentos: com que objetivo os professores devem apresentar aos alunos a literatura? Como deve ser planejada a leitura do texto literário e quais objetivos essa leitura deve ter? Qual a função da literatura? Que obras e autores os professores selecionam para os seus alunos? Além desses, levamos aos professores uma série de livros recém lançados, pois sabíamos que isso despertaria o interesse deles, já que muitos conhecem apenas os autores mais prestigiados como Ziraldo, Ana Maria Machado e Ruth Rocha.

Nessa atividade, assim como nas oficinas ministradas na Universidade, não tivemos uma participação efetiva dos docentes, sobretudo se levarmos em consideração que essa era uma atividade de apenas 4 horas e que fazia parte de um evento organizado pela própria biblioteca municipal, com o apoio da Secretaria Municipal de Educação. Quando questionamos os professores presentes sobre o porquê de termos em sala tão poucos docentes, a resposta que recebemos foi um tanto quanto curiosa: “É que hoje é sexta-feira e vai passar o último capítulo da novela”.

Infelizmente, não obtivemos do coordenador da Gerência nenhuma informação a mais sobre A Hora do Conto e nem qual a avaliação dessa atividade. Mas algumas opiniões sobre a atividade nos foram dadas pela bibliotecária do município e por três professoras do Ensino Fundamental, por meio de um questionário elaborado por nós e por elas respondido. Ao ser questionada sobre o conhecimento que tinha dessa atividade, e sobre o envolvimento da biblioteca municipal no evento, a bibliotecária nos deu a seguinte resposta:

A biblioteca municipal ofereceu, em uma das edições da Semana do Livro Infantil, uma Oficina de Contação de Histórias, porém a participação foi pequena. Em outros momentos tentamos fazer a atividade com as crianças, mas o número de inscrições também foi pequeno. Outras opções, como Caldeirão de Histórias, também teve uma pequena participação. Quanto ao envolvimento dos profissionais, eles são empenhados em relação a estas atividades. Em relação à avaliação, penso que temos que ter um envolvimento maior tanto dos setores da educação e da cultura, assim como das escolas, dos professores e dos diretores.

A resposta da bibliotecária reflete o que vimos e vivemos durante os dois momentos nos quais tivemos contato com os docentes do município. Aqui, mais uma vez, a pouca aderência dos professores pode ser vista como resultante da falta de envolvimento deles em todas as etapas de elaboração e execução desse tipo de proposta. Outra possibilidade pode ser pensada a partir das afirmações de Passos, quando esta, parafraseando Brzezinski e Garrido, afirma que a formação continuada dos professores se dá em “encontros e cursos intensivos e rápidos [...] muitas vezes produzidos sem considerar a realidade das salas de aula e os saberes construídos pelos professores”. (PASSOS, 2006, p. 190).

As três professoras que responderam ao nosso questionário, por sua vez, foram bem mais sucintas nas respostas, ainda que todas tenham afirmado que conhecem o projeto. Uma das professoras disse que a atividade não foi concluída na escola; a outra que não houve continuidade do projeto e a terceira que foi interessante, mas pouco desenvolvido.

Com relação ao outro projeto citado na Proposta de Capacitação, Projeto Biblioteca Itinerante/contação de histórias, também não obtivemos nenhuma informação do coordenador da Gerência de Capacitação Profissional. Mais uma vez, as informações nos chegam pelas respostas aos questionários por nós elaborados. A partir do seguinte questionamento: “Há, também, referência ao projeto **Biblioteca Itinerante**. Você conhece essa proposta? Quais os resultados desse projeto para a formação dos pequenos leitores, na sua opinião? Quantos alunos participaram das ações? Há uma continuidade dessa proposta, na atualidade?”, a bibliotecária nos deu a seguinte resposta:

A proposta da atividade de contação de histórias é de extremo valor, penso que nem sempre as escolas conseguem se deslocar até a biblioteca, então levar este momento de leitura prazerosa, o contato com livros, a fantasia contida nas histórias, vai disseminando nos pequenos o que Mindlin chamou de vírus incurável. Eu não tenho os números, mas o Sandro, que é o contador de histórias, tem (Biblioteca Itinerante). Há uma demora em retomar estas atividades, por conta da contratação do profissional e hoje, como a Biblioteca está em processo de mudança de local, não estamos fazendo o atendimento.

Assim como a bibliotecária, as professoras que responderam aos nossos questionamentos enfatizam a importância dessa atividade, mas não souberam dizer quais os resultados dela para a formação dos pequenos leitores com os quais trabalham. As respostas a essa questão nos deixaram um tanto quanto intrigadas, pois as professoras entrevistadas estão no magistério há mais de 5 anos, têm formação superior e são efetivas no município, mas parece não terem se envolvido com a atividade a ponto de perceberem a importância dessa para a formação dos alunos.

Após as duas propostas de trabalho por nós desenvolvidas com professores do município, bem como após o conhecimento das políticas públicas desse para a ampliação dos índices de leitura literária e as respostas aos questionários por nós formulados, encontramos alguns subsídios que nos fazem pensar que há muito a se fazer naquele município quando o assunto é leitura, sobretudo, literária. Aliás, no que se refere a esse assunto, a opinião das professoras nos causou, confessamos, certa preocupação. Uma das questões por nós elaborada versava sobre o conhecimento que elas teriam sobre as políticas públicas de incentivo à leitura apresentadas pelo governo federal, estadual e/ou municipal e sobre qual das ações elas poderiam tecer algum comentário. Uma das entrevistadas limitou-se a dizer que achava “muito boa”. Mas não disse o que ela achava “muito boa”. Outra afirmou que as políticas não passavam de “burocracia”. E a terceira, que as idéias são boas, mas muitas vezes não são colocadas em prática. Nenhuma delas fez qualquer referência à Proposta de Capacitação Profissional da Secretaria Municipal, mesmo tendo afirmado, anteriormente, que participaram das ações desenvolvidas pela Gerência de Capacitação Profissional.

Mas o que levaria os professores a terem pouco conhecimento das políticas públicas municipais e federais? Por que há tão pouco interesse dos professores pelas atividades propostas? O que poderia justificar a pouca aderência deles aos programas oferecidos dentro e fora dos “muros” da escola? Algumas pistas nós encontramos nas palavras do próprio coordenador da proposta, em sua dissertação de mestrado, defendida em 2008, intitulada *A Proposta Curricular do município de Palhoça (SC) e a atividade pedagógica: conflitos entre concepção e elaboração didática*. E são essas repostas, com a nossas considerações, que apresentamos a seguir.

PROCURANDO ENCONTRAR O CAMINHO

Quando se fala em formação docente, no Brasil, desde a década de 1990, não se pode desconsiderar a necessidade de aproximação entre escola e universidade, aproximação esta gerada pela Lei nº 9.394/96 que preconiza maior nível de escolaridade para o exercício do magistério. Essa aproximação, também, põe em destaque o professor, alvo principal da formação continuada em todas as esferas da educação. Em geral, o que se busca com as tão disseminadas Formações Continuadas é, como já define Passo (2006):

1. a construção e o desenvolvimento de saberes necessários ao exercício da docência;
2. o aprimoramento das metodologias/didáticas/práticas pedagógicas usadas em sala de aula.

Ocorre, porém, que a exigência de uma melhor formação do professor não parece resultar, ainda, numa melhor qualidade da educação. Como isso pode acontecer? Esse é um questionamento que ainda não tem uma resposta definitiva, mas alguns caminhos podem ser percorridos para se chegar a essa pretensa definição.

Haqira Osakabe, no texto intitulado “Poesia e Indiferença”, afirma que

Respeitáveis manuais de formação moral afirmavam que um dos piores estados de espírito é a tibieza, aquele estado que se caracteriza pela indiferença e que, por inércia, acomoda, dilui a vontade, induz o indivíduo a uma espécie de relaxamento do espírito em relação aos tempos e a história (2008, p.38).

Esse estado de espírito ao qual Osakabe se refere parece ser fácil de encontrar quando estamos em contato com profissionais da educação, no Brasil. Talvez pela pouca valorização dos profissionais da área. Talvez pela derrocada do ensino público, com o qual nos deparamos em nossas atividades cotidianas, mesmo nas universidades privadas. Talvez pela preocupante mercantilização da educação no nosso país, onde encontramos milhares de referências a cursos que visam o aligeiramento da formação superior, sem qualquer preocupação com a formação lacunar que essa formação pode resultar.

Mas, para não nos distanciarmos do nosso objeto de estudo, nesse relato, nos questionamos sobre o porquê dos professores do município onde desenvolvemos as nossas pesquisas ainda terem certa resistência às propostas apresentadas, sejam elas ofertadas pela própria Secretaria de Educação, ou por instituições externas?

Parece-nos que, ao criar uma Gerência de Capacitação Profissional, que visa à formação continuada dos docentes do município, idealizada, elaborada e implementada também por professores do município, já é uma evidência de que essa proposta surge e é pensada para os contextos de trabalho de todos os docentes que atuam na educação municipal. O que justificaria, então, a pouca participação dos professores em algumas atividades?

De acordo com o próprio coordenador da Proposta, a pouca adesão dos professores deve-se a alguns motivos já bastante conhecidos, quais sejam:

1. Falta de um plano de cargos e salários para os docentes que resulta na falta de valorização do professor.
2. Os professores continuam desmotivados em sala de aula.
3. Faltam condições adequadas para o trabalho em sala de aula.
4. As famílias não têm contato com a escola.

Ocorre, porém, que o mesmo coordenador, em um trabalho desenvolvido com os professores da rede, encontrou uma contradição bastante relevante na fala desses professores. Ao mesmo tempo em que se dizem desmotivados para o trabalho, afirmam que para melhorar o ensino nas escolas é preciso (PEREIRA, 2008).

1. Uma discussão mais consistente sobre a metodologia delineada pela PCPH, que envolvesse os professores em sala de aula.
2. Implementação de biblioteca nas escolas, para estimular o aluno à leitura.
3. Preparar melhor os professores.

As observações apresentadas até aqui, de certa forma, nos deixam um tanto quanto confusos quando nos propomos a analisar os contextos educacionais no Brasil e, em particular, quando está em voga temas como leitura, formação de leitores, professores leitores e literatura. Se por um lado existe um amplo investimento em políticas públicas de incentivo à leitura e de formação continuada dos docentes, por outro lado encontramos profissionais que não se motivam com nenhum estímulo, mesmo que esses venham a contribuir para o seu crescimento profissional e seu desenvolvimento intelectual.

Ocorre, ainda, o agravante de termos inúmeras formações que, mesmo trazendo para o bojo da discussão as práticas desenvolvidas em sala de aula, bem como o diálogo e a troca de experiência entre os professores, não sejam aderentes porque as experiências vividas nesses cursos não têm continuidade no cotidiano das escolas. O acúmulo de trabalho, a falta de leitura para o aprimoramento dos conteúdos a serem ministrados, bem como a falta de tempo para a elaboração das aulas e, ainda, as precárias condições físicas das escolas acabam contribuindo com mais eficácia para a acomodação do professor. Ou seja, como enfatiza Passos, “O confronto entre a realidade vivenciada no curso e a organização da escola apresenta-se como um desafio para os processos de formação continuada neste formato” (2006, p. 194).

Nesse sentido, nos parece que seria mais eficiente pensar num processo de formação continuada da escola. Como bem define Souza e Souza “O trabalho com os professores deve ser parte de um projeto mais amplo – o projeto da escola – desenvolvido com a participação de todas as partes envolvidas no processo de escolarização” (2006, p. 205).

Mas, como a Proposta de Capacitação docente aqui apresentada ainda estava em voga quando elaboramos nossa pesquisa, acreditávamos que ela tivesse a possibilidade de resultar numa experiência positiva e possibilitasse uma significativa contribuição para o desenvolvimento profissional dos professores, sobretudo se estes fossem efetivamente incluídos em todo o processo.

No entanto, como no início de 2014 o município passa a ter uma nova gestão, tudo indica que o projeto não teve continuidade, até porque o conturbado processo eleitoral pelo qual passou a referida cidade deixou todos os projetos suspensos temporariamente até que os novos secretários assumissem os cargos de confiança, e não foi

diferente com a secretaria da educação. Por certo, tal situação reflete na educação nesse município e tal fato já nos provoca a pensar em uma nova pesquisa sobre a qual, quem sabe, possamos nos debruçar posteriormente.

REFERÊNCIAS

OSAKABE, Haqira. Poesia e Indiferença. In: PAIVA, Aparecida *et al.* *Leitura Literária: discursos transitivos*. Belo Horizonte: Ceale; Autentica, 2008.

PASSOS, Laurizete Ferragut. A formação continuada de professores e os desafios dos projetos de colaboração universidade-escola. In: SCHLINDWEIN, Luciane Maria, SIRGADO, Angel Pinto (org). *Estética e Pesquisa: formação de professores*. Itajaí: ed. UNIVALI: Ed. Maria do Cais, 2006.

PEREIRA, Jair Joaquim. *A Proposta Curricular do município de Palhoça (SC) e a atividade pedagógica: conflitos entre concepção e elaboração didática*. Dissertação de Mestrado. Palhoça: UNISUL, 2008.

SOUZA, Denise Trento Rebello de, SOUZA, Marilene Proença Rebello. Formação Continuada de Professores e a Mediação de tecnologias de ensino: novos desafios. In: _____. *Estética e Pesquisa: formação de professores*. Itajaí: ed. UNIVALI: Ed. Maria do Cais, 2006.